



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS – IHL

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

CRISTIANE FREIRE GOMES

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DOS ESTUDANTES DO CONTINENTE AFRICANO EM
REDENÇÃO-CE

REDENÇÃO

2015

CRISTIANE FREIRE GOMES

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DOS ESTUDANTES DO CONTINENTE AFRICANO EM
REDENÇÃO-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Dra. Jacqueline Britto Pólvara.

REDENÇÃO

2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gomes, Cristiane Freire.

F612o

Um olhar Antropológico sobre o processo de construção
identitária dos estudantes do Continente Africano e,, Redenção-Ce /
Cristiane Freire Gomes. - Redenção, 2019.
51f: il.

Monografia - Curso de Humanidades - Trimestral, Instituto De
Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

Orientador: Jacqueline Britto Pólvara.

1. Antropologia - Identidades. 2. Estudantes do Continente
Africano. 3. Diferença. 4. Semalhanças. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 301

*Dedico este trabalho a minha avó materna Maria Pompeu Tavares que teve sua
identidade racial suprimida*

(in memoriam)

Agradecimentos

- ❖ Agradeço a Deus por conduzir minha caminhada.
- ❖ Agradeço a minha orientadora, professora e mãe de coração Dra. Jacqueline Britto Pólvora que teve paciência, atenção, carinho e muita dedicação em orientar esse trabalho. Além de sempre acreditar no meu potencial me apresentando brilhantemente o campo da antropologia.
- ❖ Agradeço aos meus pais Antonio e Matilde que depositaram confiança, apoio e demais ajudas, sem eles minha permanência em Redenção não seria tão tranquila e segura.
- ❖ Agradeço ao meu irmão Marcello que incentivou pra que eu ingressasse nessa instituição de ensino, sua participação na escolha do curso sua motivação em apresentar a UNILAB foi essencial.
- ❖ Agradeço as minhas irmãs e amigas Alessandra, Elizângela e Cleire, que sempre me dão exemplo de determinação e persistência.
- ❖ Agradeço a Renata por tantas vezes que me levou para Redenção em seu automóvel.
- ❖ Agradeço aos meus companheiros (as) e amigos (as) de TCC: Aline, Elves, Patrícia e Ythalo. Sinto-me lisonjeada por fazer parte dessa família que ajuda, incentiva e acima de tudo comemora nossas vitórias, não esquecendo que nos momentos difíceis sempre estão de prontidão.
- ❖ Agradeço a minha amiga Ariane, amizade nova em termos de tempo, porém verdadeira e construtiva. Muito obrigada amiga por fazer parte de minha formação acadêmica, morar e estudar com você é algo que sempre ficará em minhas recordações.
- ❖ Agradeço ao meu amigo Jorge Bessa, não poderia deixar você de fora, afinal fazemos uma dupla perfeita. Ajudou-me a não ter medo do mundo e das pessoas.
- ❖ Agradeço imensamente aos meus colaboradores diretos e indiretos: Aluisio, Atalia, Catia, Délcio, Fernando, Stallone, Soraya, Valdecio, João, Leila, Braima, Juvinilda, Diogo, Iadira, Celson. Cada um deles teve sua importância no decorrer do meu trabalho.

- ❖ Agradeço a Thayna e Gizeli que chegaram ao meu convívio na hora certa, num momento que mais precisava.
- ❖ Por fim agradeço a todos os meus professores do curso de Humanidades da UNILAB que foram fundamentais para realização de meu sonho.

Resumo

Este trabalho é resultado de minha pesquisa para obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), em Redenção, Ceará. O objetivo dessa pesquisa é identificar quais elementos e em que ocasiões os estudantes africanos acionam na e para a reconstrução de suas identidades, a partir de sua estada em Redenção. Através da observação participante nos lugares de convivência e sociabilidade públicos e privados, busco compreender em que momentos e espaços, os elementos de reconstrução identitária ganham expressividade e acionam estas diferentes identidades. Este trabalho demonstra que esses momentos têm diferentes marcações identitárias no tempo e no espaço e que tais identidades são marcadas conforme as situações encontradas e vividas pelos estudantes.

Palavras chaves: Identidades. Estudantes do Continente Africano. Diferenças. Semelhanças.

Sumário	
Introdução	07
Capítulo I: Reflexões teóricas sobre identidade	10
Capítulo II- Marcação de Semelhanças	22
2.1 As aparências promovem uma visão homogeneizada	22
2.2 Os rótulos para classificar os estudantes “africanos”	25
2.3 Status sociais	26
2.4 A facilidade em reconhecer os compatriotas	28
2.5 Exaltar o que nos torna únicos	30
2.6 A culinária e o sabor diferente da comida	31
Capítulo III- Marcação de Diferenças	33
3.1 Os espaços e o despertar das diferenças	33
3.2 Os signos que os estudantes utilizam para realçar as diferenças	33
3.3 Comemorações de independência: viva o meu país!	35
3.3.1 Viajar sem sair do chão, sensação vivenciada durante as apresentações	38
3.3.2 A noite de gala	39
3.4 Desafios da unidade: entre o agir e o pensar	40
3.5 Reflexões sobre a conduta alheia	40
3.6 Vivenciar visões distorcidas	41
Considerações Finais	46
Referências	49

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é identificar quais elementos e em que ocasiões estudantes do continente africano do (PALOPs) acionam na reconstrução de suas identidades a partir de sua estada em Redenção-Ceará.

Através do trabalho de campo, da observação participante (Malinowski, 1978) e de entrevistas formais e informais busquei compreender em que momentos e espaços estes elementos de reconstrução identitária ganham expressividade. Essa pesquisa com coletas de dados foi iniciada em junho de 2014 e concluída em novembro do mesmo ano.

O primeiro passo dado foi entrar em contato com amigos estrangeiros de cinco nacionalidades (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) para que pudessem apresentar aos estudantes que chegaram à Redenção no primeiro ano de funcionamento da universidade. Essas pessoas fizeram a função de “indivíduos-chave” (FOOTE-WHITE, 1980) para minha aproximação e assim também como em algumas ocasiões da minha entrada em campo. Depois de ser apresentada a algumas pessoas, lancei o convite, se gostariam de participar de minha pesquisa. Tive algumas resistências, mas consegui entrevistar formalmente e informalmente oito estudantes. O grupo disponível foi bastante heterogêneo, composto pelas diferentes nacionalidades, por ambos os sexos, de faixa etária entre 18 e 29 anos. De todas as formas, a pesquisa não se restringiu somente a este grupo já que, enquanto estudante, o campo esteve sempre presente em nosso cotidiano.

Os ambientes em que estive presente foram diversos. Tive a oportunidade de participar em comemorações de aniversários, eventos promovidos pelos próprios estudantes na universidade, em festas dançantes, alguns campeonatos de futsal, enfim, nos lugares de sociabilidade em que nós estudantes participamos.

Sou natural da região do maciço de Baturité, sou Brasileira, mulher e oficialmente de pele parda, já que esta é a definição que consta em meu registro de nascimento. Ao longo de minha vida nunca tinha dado nenhuma atenção a esta questão de pertencimento racial, mas ao estar em um ambiente onde o pertencimento racial é assunto de debates nas disciplinas do curso, pude então refletir sobre minhas heranças

raciais e encontrar uma possível invisibilidade de meus antepassados que eram de cor negra. Segui uma tendência do mercado da beleza muito forte no Brasil, sem me dar conta que estava contribuindo para essa não aceitação de minhas raízes, ao utilizar produtos químicos que deixavam o meu cabelo com aspecto liso. A partir do momento que percebi que definição de beleza é muito subjetiva, entendi que não necessariamente só uma textura de cabelo seja a melhor entre todas para qualificar a beleza de uma mulher. Assim, além de investigar como são construídas as identidades dos estudantes estrangeiros, deparo-me com a minha em plena transformação. Essa construção identitária que vem acontecendo comigo está contribuindo significativamente para que eu me perceba racialmente, e essa identidade racial negra não é entendida por moradores locais já que aprenderam que só é negro quem vem do continente africano. Alguns até desconhecem a existência dos afrodescendentes tão presentes em nossa região.

Isso me leva a crer que o processo de construção de identidades nas outras pessoas poderá acontecer em momentos diversos e de maneiras diferentes. Será com essa perspectiva que conduzirei o meu trabalho.

Diante desse cenário de diferentes nacionalidades, diferentes origens do Maciço, diferentes brasilidades presentes na Unilab despertou-me o desejo de pesquisar como os estudantes do continente africano estão vivenciando essa nova experiência e como suas identidades estão sendo reconstruídas neste contexto. É nesse momento de migração que, acredito, suas identidades entram num intenso e contínuo processo de reajuste.

No primeiro capítulo trago a discussão teórica de Stuart Hall (2011a), o mesmo define que as identidades estão se tornando “fragmentadas” na pós-modernidade, e que mexem assim com outras identidades que os sujeitos possuem. Sigo com a releitura de Stuart Hall apresentada e organizada por Tomaz Tadeu da Silva (2011b) em que as relações sociais e o jogo das identidades operam no campo da diferença, e uma depende da outra para sua existência e permanência no processo de construção identitária.

No segundo capítulo apresento as formas de como as identidades são performatizadas, ou exercitadas, de maneira em que as semelhanças são acentuadas. No meu trabalho de campo, encontrei semelhanças concentradas em alguns elementos que “permanecem” como símbolos ou marcas identitárias. Permanecem ou na percepção dos brasileiros ou na percepção interna dos estrangeiros propriamente ditos.

No terceiro capítulo foco minha apresentação nas relações dos estudantes de diferentes nacionalidades para analisar os exercícios identitários que rompem com as semelhanças apontadas anteriormente criando, portanto, as diferenças identitárias entre esses estudantes.

Neste trabalho não cito os nomes verdadeiros de meus colaboradores, mantendo o seu anonimato. Utilizo (E) para identificar estudantes, usando (M) para estudantes do sexo masculino e (F) para o sexo feminino. Além disso, uso a numeração de 1 a 8 para identificar a ordem dos estudantes entrevistados.

Capítulo I: Reflexões Teóricas sobre identidade

Nesse primeiro capítulo do meu trabalho inicio trazendo uma discussão teórica no que diz respeito a algumas formas de abordagem feita no cenário das ciências sociais sobre identidade relacionando sempre que preciso com a realidade encontrada no meu campo de atuação. O principal teórico que encabeça esse debate é Stuart Hall no seu livro *Identidade cultural na pós – modernidade* (2011a), acompanhado de Tomaz Tadeu da Silva na organização e também autoria do livro *Identidade e Diferença* (2011). Junto a eles para complementar a discussão trago o teórico Benedict Anderson (2005) com o livro *Comunidades Imaginadas*, Antonio Sérgio Guimarães (2002) com o debate sobre questões raciais no livro *Classes, Raças e Democracia*, e fecho meu corpo teórico com Frederik Barth (2011) para justificar a presença de identidades étnicas na pesquisa, porém deixando bem explícito que seria necessário uma abordagem e estudo mais minucioso nessa área, exigindo do pesquisador maior aproximação com o tema em questão.

Uma forma de entender as atuais mudanças que acontecem nos mais variados cenários culturais é sobre a perspectiva de Stuart Hall (2011 a). Este autor constatou que as pessoas em sociedade pós-moderna alteraram sua concepção de identidade. Teoricamente o indivíduo não está mais preso a uma única forma de expressão identitária como antes que produziam sujeitos unificados e coerentes em prol de uma preservação de um modelo de sociedade.

Essa forma de viver o mundo desencadeia uma fragmentação em várias esferas culturais fazendo surgir novas identidades, como racial, sexual, étnica, regional, nacional, continental, local, religiosa, dentre outras. Estas fragmentações atingem nossas identidades pessoais e altera a ideia que temos de nós como “sujeitos integrados”.

O externo que fixa o interno, em sociedades tradicionais a identidade surge a partir da sociedade em que o indivíduo está integrado, sendo que a cultura seria o alicerce dessa identidade unificada, em que o subjetivo seria estabilizado nesse mundo cultural. Só que isso está mudando. Na seguinte passagem Hall sintetiza:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de varias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as

paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais (Hall, 2011a, p.12).

Esse processo está vinculado á “globalização”, mudança no cenário mundial que atinge em ritmo diferenciado as várias concepções que o indivíduo tem de si e ao seu redor. Essa tensão acontece em termos, pois os estudantes a que detenho minha atenção transitam entre o moderno e o tradicional. Ao estar longe de um ambiente propriamente tido como identitariamente confortável, o mais comum será recorrer a uma serie de elementos culturais necessários que transmita o seu pertencimento a um determinado grupo ou nação. É aflorado do imaginário dos mesmos, mecanismos que viabilize a sua permanência ajudando para amenizar o processo de imigração.

Proponho discutir identidade no meu trabalho por encontrar em campo uma marcação identitária por parte dos estudantes do continente africano, e essa se manifesta em alguns momentos que os mesmos sentem a necessidade em definir-se com determinada identidade e ou fazer parte de uma ou mais identidades. Durante as entrevistas que realizei com esses estudantes a mais acionada foi a identidade nacional, seguida da racial. Sendo que a última aos olhos dos moradores de Redenção implica na ideia do “ser africano” sempre associado à cor da pele. Devido esse jogo de delimitação de identidades que surge meu trabalho. Nele vou analisar como essas apresentam diante de um cenário distinto. Uma cidade que recebe em especial uma universidade com a proposta de integrar estudantes brasileiros e estudantes de países africano com língua oficial portuguesa.

A identidade surge na fala dos estudantes para marcar seu lugar de origem, assim como diferenciar-se dos outros que também vieram do continente africano. E em outras circunstâncias para desconstruir a unificação de “ser africano”. Enquanto que a identidade racial emerge porque o externo lhes vê como racialmente diferente dos moradores locais, nesse caso o jogo é invertido, pois são os outros que projetam essa identidade racial, do ser negro.

Na explicação de Silva (2011) sobre identidade, a princípio ela é limitada no entendimento de quem somos e o oposto a isso é a diferença a essa condição, ambas, identidade e diferença produzem o que são e o que não são. Tanto uma quanto a outra se mostram como tal para exemplificar um lugar no espaço social. A existência da

identidade só faz sentido se a diferença também existir. Quando afirmamos ser algo tudo que não somos, nos torna diferente.

Quando os estudantes dizem “sou Guineense”, por exemplo, eles só fazem isso porque o espaço que estão vivendo há presença de outros estudantes de outras nacionalidades e por essa razão é afirmado frequentemente esse pertencimento nacional antes de qualquer outra identidade. Ao afirmar o que é ao mesmo tempo está negando o que não é.

Hall (2011a) e Silva (2011) afirmam que existe uma relação de poder ao definir-se com uma identidade e não com outras, gerando assim a diferença. Esse poder também está presente quando determinamos ou marcamos quem faz parte e quem não faz parte do grupo. A função do poder é incluir e excluir. Já em outros casos o poder “marca fronteiras” “nós” e “eles”. Silva pontua que esses pronomes ‘nós’ e ‘eles’ são “indicadores de posições de sujeitos fortemente marcadas por relações de poder.” (2011, p.82).

Com a teoria de Stuart Hall (2011a) pude compreender que as identidades são “fragmentadas”, isso acontece por não permanecerem ativas durante todo o tempo do dia, além de recorrer a diversos recursos para sua construção é o caso do discurso, das praticas executadas e também do posicionamento tomado. Isso implica na construção a partir de pedaços ou partículas para formar um todo bem costurado e segundo Hall quem faz esse papel de costurar é a identidade cultural.

Para Anderson (2005), nação é um fenômeno em curso e, que sua definição científica é difícil de encontrar. O autor me ajudar, a entender que a questão nacional e o nacionalismo estão indiscutivelmente vinculados aos “artefatos culturais” em que por meio do tempo e da razão promovemos um sentimentalismo exacerbado. Nessa argumentação que focaliza os “artefatos culturais” que são produtos históricos um tanto sutil, porém respondem uma série de ideologias e políticas ambas com suas variedades. E justamente esses tais artefatos específicos foram os responsáveis para uma adesão intensa.

Num sentido antropológico Anderson (2005) define nação como uma “comunidade política imaginada e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana.”p.25. Uma criação no sentido de formulação de

uma ideia do que de fato é a nação. A missão aqui não é afirmar que é fantasia se pensar em comunhão. A existência dela está ligada no que é contada e, isso é feito através de imagens verdadeiras contadas e ou criadas para dar sentido e suporte a sua existência diante de qualquer outra.

As nações são imaginadas a partir de uma variedade de instrumentos que as confirme enquanto nação num modelo global. Anderson ressalta que, “[a] nação é imaginada como limitada” (ANDERSON, 2005) territorialmente a essa constatação de limite, suas fronteiras impõe certo alcance.

O antropólogo e brasileiro Renato Ortiz (1985) me faz pensar que a identidade nacional prioriza uma parcela da população não sendo capaz de expressar todas as diferenças existentes. Em determinados contextos um grupo poderá receber demais, ou seja, o meio social produzirá melhor terreno para uns e menos para outros, e independente de sua aparição o que os grupos têm em comum é saber usar de sua memória em conjunto para reviver um passado simbólico.

(...) a memória coletiva deve necessariamente estar vinculada a um grupo social determinado. É o grupo que celebra sua revificação, e o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória (ORTIZ, 1985, p.133).

Por vezes recobramos nossa memória num processo construtivo para dar autenticidade a história da nação, porém em nosso cotidiano ela não é vivenciada plenamente, apenas utilizamos os relatos e fatos verídicos ou não para explicar nossa presença territorial.

(...) o que caracteriza a memória nacional é precisamente o fato de ela não ser propriedade particularizada de nenhum grupo social, ela se define como um universal que se impõe a todos os grupos (...) ela não possui uma existência concreta, mas virtual (ORTIZ, 1985, p.136).

Ortiz sublinha que não podemos supor que a identidade nacional tenha estrutura firme, pois ela não possui uma existência seguramente “autêntica”. Seu projeto identitário é reformulado constantemente e a sociedade é o alicerce desse ideário de nação:

(...) a identidade nacional é uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência. Ela não se situa junto à concretude do presente mas se desvenda enquanto virtualidade, isto é, como projeto que se vincula às formas sociais que a sustentam. (ORTIZ, 1985, p.138)

O jogo que acontece centra-se em quem vai ser privilegiado e com quais artifícios, para assim, construir essa identidade nacional. Esse processo é mediado por agentes, podendo aparecer na figura de intelectuais externos, com maior ou menor grau de aproximação de seu alvo final, o povo. No contexto pesquisado nomes como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Samora Machel são lembrados em cerimônias de comemoração de independência para mostrar quem foram seus intelectuais e mentores de libertação colonial, cujas palavras, comportamentos e ideias são supostamente os elementos primordiais das identidades nacionais “Se os intelectuais podem ser definidos como mediadores simbólicos é porque eles confeccionam uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global”.(ORTIZ, 1985, p.139). Em outras palavras seus desejos pessoais iram andar lado a lado com ideologias políticas.

As danças apresentadas como manifestação africana como Funaná, Kuduro, Kizomba, são colocada como manifestações de identidade nacional Caboverdiano, Angolano, ou mesmo de uma unidade africana. Embora no exemplo citado o Kizomba, pode até ser uma comunhão entre os países africanos, mas na pratica quando é executado os passos cada estudante traz consigo movimentações que sinalizam de que lugar faz parte, em termo nacional. O kizomba será, portanto, um ritmo variável, cuja dinâmica obedecerá mais a inovação dada pelos estudantes de diferentes nacionalidades e menos a uma estrutura de “essencial” de dança.

Diante de uma movimentação constante de encaixe identitário, encontrei um tipo de identidade sutil, quase imperceptível aos olhos de outros estrangeiros. Trata-se de dar sentido a uma identidade étnica em um ambiente fora da realidade original, sendo que os atores que fazem parte dessa transformação atuam isoladamente ou num coletivo. Pontuar sua identidade nacional seguida da identidade étnica é nulo para aqueles que desconhecem o significado do que é um grupo étnico. Compreendo que grupo étnico são unidades pequenas que se movimentam dentro da sociedade e que definem ou são identificados como tal. A distinção enquanto grupo étnico independe da mobilidade dos membros, mas, sim de uma lógica de inclusão e exclusão. E a interação social auxilia na manutenção dos grupos. Essa expressão identitária só faz mais sentido para os conhecedores, ou seja, só os que descendem de tal etnia receberam traços ou elementos grupais para identificá-los como tal. Em minha observação participante percebi que essas questões identitárias podem ganhar outros sentidos, pois a pertença étnica fica em

segundo plano, provocando assim uma calma no que diz respeito a objeções entre os grupos étnicos. Especificamente com os estudantes de Guiné Bissau, a identidade étnica se apresenta da seguinte forma: autodeclarar-se membro de determinada etnia.

Nos estudos de Frederick Barth (2011) sobre etnicidade, seus ensaios me ajudaram a compreender algumas questões que surgiram no decorrer do meu trabalho de campo. Barth transporta a identidade étnica que antes era entendida como estática, para outro formato, observa-la como fruto de um dinamismo. O mesmo autor me fez entender que identidade étnica é assim como qualquer outra identidade, construída na interação social, em que o substrato disso é a exclusão e a inclusão. Podendo ou não acontecer devido barreiras sociais que um dos lados coloca para marcar quem pertence ao grupo, criando dentro de cada núcleo uma integração, por vezes até superficial, porém tem se necessário estabelecer limites em cada grupo.

Barth me fez compreender, do mesmo modo que produzimos diferenças e essas carregam consigo significados no grupo, elas progressivamente ao longo do tempo iram perder sentido e ganhar novos significados para dá continuidade à distância intragrupal.

Mostro o que Barth chama de ‘traços culturais diferenciadores’, pouco embora compreenda que de fato importa é como eles se apresentam, ou seja, em quais espaços de envolvimento com os outros grupos. Percebo que em determinados eventos há uma maior confirmação desses marcadores. Os agentes fazem as escolhas e é por meio delas que alguns elementos identitários são revigorados, isso independe da vontade de membros não integrados completamente. O resultado é a sustentação quase que natural de um idioma ou talvez a própria identidade.

Uma das definições antropológicas de grupos étnicos é: “possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.” (BARTH, 2011, p. 190).

As fronteiras étnicas são observadas socialmente. Supondo que um grupo exercita sua identidade no instante que seus membros interagem com outros, eles se valerem de critérios tanto para excluir como também incluir, quase que uma aprovação, no sentido de integrar o meio envolvido.

Pode-se pensar numa outra formação, colocando os estrangeiros, os de outros grupos étnicos não mais como descritos anteriormente. Mas agora com interesse

semelhantes, e para tal faz-se a interação necessária. Essa nova perspectiva gera um envolvimento descrito por Barth logo em seguida:

Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica; grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes (BARTH, 2011, p.196).

Os grupos étnicos só existem por que compartilham elementos culturais com outros grupos e isso acontece nos momentos que estão interagindo. Tais características precisam ficar sólidas, desse modo para completa-las por meio das diferenças que surge do contato frente aos seus próprios membros.

Quando proponho falar em identidade racial esclareço de antemão que biologicamente não existem raças. O que de fato enfrentamos é uma apropriação do fenótipo das pessoas, ou seja, toma-se o fenótipo como base e a partir daí categoriza-se umas e outras. Usam-se características físicas para inferiorizar ou mesmo desumanizar pessoas ou grupos, ou para enaltecer outras. O que está em jogo é o biótipo das pessoas e, esse é convertido em um discurso que tendem a atribuir conceitos que ferem a moral, o intelecto, o econômico, e a sexualidade. O racismo especificamente contra as pessoas negras, de cor e não brancas funciona assim independente de sua condição real no mundo.

Entendo que identidade racial assim como qualquer outra identidade se projeta socialmente, ou seja, o meio que estamos inseridos nos vê e nos aponta como pertencentes à um grupo racial e que somos imersos em um contexto racializado, independente de nossas vontades. O outro que te identifica irá dar características para marcar sua permanência racial. Para Guimarães (2002) usar o termo “raça” no Brasil tem um propósito, já que é uma categoria política e que sua existência e uso servem para organizar e entender como o racismo acontece no Brasil. Além da responsabilidade de analisar como as discriminações e desigualdades se sustentam na noção da “cor” que o brasileiro compreende mostrando que a questão racial está embutida no discurso da discriminação. O racismo pode atuar de várias maneiras, porém o que mais percebi foi à aversão sem motivos à pessoa negra apoiado em estereótipos.

Guimarães (2002) menciona Paul Gilroy em que ele defende um posicionamento em que desarticula a insistência de que existam “raças” biológicas. Não existem “raças”

pelo fato de entre as espécies humanas não conter nenhum material ou qualquer sinal ou vestígio que comprove a classificação do termo “raça”. Na íntegra é mais um discurso que coloca a margem da sociedade as pessoas que tem como traços marcantes de diferenças: a pigmentação da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz, olhos, quadris a circunferência das coxas e pernas. Por detrás dessa formação continuamente incorreta é resignificado fortemente o modelo racista. Ele ganha outros aliados, num discurso “... político racista, autoritário, anti-igualitário e antidemocrático”. Diante de tais mecanismos chego a concordar com a real construção social que se fez e que Guimarães argumenta:

(...) a minha argumentação repousa sobre dois pressupostos às vezes difíceis de serem percebidos. Primeiro, não há raças biológicas, ou seja, há espécie humana nada que possa ser classificado a partir de critérios científicos e corresponda ao que comumente chamamos de “raça” tem existência real; segundo, o que chamamos “raça” tem existência nominal efetiva e eficaz apenas no mundo social e, pode ter realidade plena”(GUIMARÃES, 2002, p. 50)

O conceito de “raça” ainda prevalece no tempo por causa de uma série de fatores: a prevalência de grupos sociais que se identifiquem com tal em sociedade, além da existência das desigualdades e discriminações assim como nas hierarquias sociais. É frequente que os grupos que afirmam tal identidade recorram aos meios tecnológicos, sociais e econômicos para fazer frente a uma aparição enquanto pertencente de tal grupo oprimido. Alguns grupos que compartilham uma ideia de diferença como qualidade, por outro lado não a pregam como forma de hierarquização. Guimarães (2002) me faz entender que são todos fatores sociais que estão segmentando em uma teia ideológica e que o pesquisador social irá buscar como são construídas tais estruturas.

Não cabe ao cientista social criar categorias analíticas para sobrepor ao modo como os atores sociais constroem o seu mundo de significado; à antropologia caberia apenas entender o modo como esses mundos são construídos e são vividos pelos seus sujeitos atores, ou seja, as pessoas particulares, em situações particulares, no interior de uma estrutura de significados. (GUIMARÃES, 2002, p.54).

No cenário nacional e local diferente do que acontece nos Estados Unidos em que a classificação racial se dá a partir da existência de “uma gota de sangue”, no Brasil esse processo de construção racial se produz politicamente, ou seja, posso ser negro, embora meu discurso não me identifique como tal, e só percebo como tal a partir das relações que se dá no meio social.

A dinâmica do conceito de raça que prevalece no Brasil tem como ideias fundadas na desigualdade legitimada, a forma de tratamento e chance, a permanência em continuar se baseando como fundamentos físicos e biológicos e o mais marcante o lugar que tais grupos raciais ocupam na sociedade brasileira.

No Brasil as identidades negras passam por um momento de visibilidade por conta de alguns avanços feito pelos movimentos negro na política. Isso reflete na aceitação ou mesmo valorização enquanto pertencente a uma cultura negra. Os espaços que vem conquistando a população negra promove um florescer gradual para as políticas públicas que visam atingir a esfera econômica, social e política. Muito embora isso ainda aconteça em espaços micros.

A discriminação é herança do passado refletida no presente. Nem sempre um estrangeiro negro irá entender de inicio as formas de discriminação, pois as coisas aqui transitam entre o sutil e o feroz. As atitudes para com o outro aparenta como algo subentendido, em que o “diferente racialmente” deverá supor tal movimentação nas relações nessa sociedade. Guimarães pontua essa ideia, “... no Brasil, o fator racial está, geralmente, diluído numa série de características pessoais todos de ordem atribuída” (GUIMARÃES, 2002, p.67).

Quando refletimos quem somos verdadeiramente enquanto um grupo nacional, deixamos nas esferas tudo que não queremos representar e só reproduzimos imagens de valor, moral e gloria, não diferente disso também estão o povo brasileiro, que não reconhece como continuação de uma identidade racial negra. A menos quando tentamos louvar o mito das três raças como fundador do ideal nacional.

Na década de 80, com a crise econômica há um declínio substancial que produz alguns elementos que iram contestar e repensar a ideia de identidade nacional, dentre eles um precisa ser colocado aqui amostra, por está diretamente ligado no que venho falando [...] “o movimento de ‘reafricanização’ dos costumes negros no Brasil, gerenciado politicamente pela construção da identidade negra.” (Guimarães, 2002, p124).

É problemático abordar questões raciais com pessoas que vieram de uma realidade racial diferente da nossa brasileira, porém é necessário entender o funcionamento que o conceito “raça” é reproduzido nos estrangeiro originários do continente africano. Aqui por muitos anos se pregou a adoção de que não existia uma “raça” especificamente, o que existia era uma apropriação de três grupos distintos: o branco, o negro e o índio, essa junção deu origem ao “tipo brasileiro”. Esse modelo de

homem com características de três “raças” foi fortemente disseminado pelo mundo, inclusive serviu de modelo para os países colonizados por Portugal.

A construção ou mesmo o reconhecimento com uma identidade que não era modulada antes talvez tenha sido o ponto chave para se situar ou se confundir em terra estrangeira. Independente do desejo de qualquer estudante estrangeiro é nas relações sociais que encontramos os riscos acentuados de marcação racial. É diante das situações corriqueiras da vida de qualquer estudante, como o simples caminhar nas ruas, a mobilidade entre as cidades do maciço e grande Fortaleza, nas topic e ônibus, fazer compras, utilizar serviços, frequentar templos religiosos, enfim um leque de ações que vivendo nessa sociedade passou a executar com frequência.

Para Stuart Hall, “[n]o mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (2011b, p.47). Essas identidades nacionais são uma forma de indicar que pertencendo a determinada nação, por isso recorremos a elas mesmo sabendo que é uma representação e que tampouco são capazes de atingir o grande contingente existente. Há uma necessidade individual de fazer parte de algum lugar, necessariamente de uma nação, caso o contrário ele “perderia um sentido subjetivo”. E isso comprometeria a ideia de sujeito moderno. Mesmo que não seja algo que nasce com o homem mais que vem ganhando importância representativa graças as suas experiências. Por exemplo, saber o que é ser guineense é possível devido uma série de representações que a cultura Guineense possui é ressignificada aqui no Brasil. O que antes era símbolo de fidelidade em termos tradicionais foi transferido para a modernidade como cultura nacional, saindo de um grupo em menores proporções para abarcar a totalidade da nação. Isso acontece por um esforço político de encaminhar as identidades. O exemplo disso é a língua que uma nação fala, unificando-a torna-se mais viável para os líderes controlar uma grande quantidade de pessoas.

Entendo que as culturas nacionais servem para contar internamente, através de símbolos, sobre de onde viemos assim como contar para o mundo, ou seja, para o “outro”, quem somos. Essa necessidade é uma espécie de ponto de sustentação por meio do qual nos tornamos visíveis positivamente, e conseqüentemente à nação será essa imagem transmitida. É através do sentido que temos de culturas nacionais que surgem as identidades. Os sentidos surgem de várias maneiras, a história de sua formação, a conexão tempo e espaço. Tudo isso bem fixada no nosso imaginário, seja por meio da

literatura ou por símbolos em toda parte, fortalecendo a veracidade da estória que nos foi contada e recontada sobre nós enquanto pertencente a uma nação. As nações são pensadas diferentemente, ou como teoriza Anderson (2005), são “imaginadas”. Creio que uma nação passa por frequentes momentos de criação, nunca sua imagem é completamente acabada. A cada nova geração ou a cada mudança no cenário nacional ou mundial, novos elementos podem vim a ser acrescentados ou retirados, ou mesmo reafirmados a um determinado povo/nação.

Mas entendo que exista ainda um pouco de resistências em acreditar que nossas historias de formação não são inteiramente verídicas. Isso se dá por forte crença em um caráter nacionalista legítimo. Remetendo a ideia dos mitos de origem como narrativas da cultura nacional, são historias sobre a formação do povo e sobre toda a nação. “... Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a conceberem e expressarem seu ressentimento”. (HOBSBAWN E RANGER apud HALL, 2011b, p.55) As culturas nacionais recorrem ao passado para buscar feitos gloriosos para impulsionar os agentes que conduziram vigor à nação.

Na perspectiva de Hall (2011a) devemos investigar a possível “unificação das culturas nacionais”. Pois se pensarmos que uma cultura nacional é unificada, estaremos deixando de lado quaisquer expressões culturais diversas que existe no mais distante lugar.

Não é totalmente provável homogeneizar uma cultura nacional pelo fato que o processo de “globalização” surge e tem maior fluxo no ocidente.

(...) as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares ‘fechados’ etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade (HALL, 2011a, p.80).

O indivíduo diante de outras culturas fortalecem suas identidades podendo recorrer às origens e heranças para defesa e resignificação de uma nova geração. Um exemplo disso é a forte marcação dos cabelos rastafáris.

A identidade cultural pode aparecer com mais intensidade quando um grupo utiliza-se de meios visuais, auditivos ou mesmo através da culinária e qualquer outro recurso que carrega alguma carga de pertencimento a um lugar, tudo isso reforça e reafirma a sua identidade. São expressões que ganham destaque quando estamos fora do

território de origem, chegando muitas vezes à repetições exageradas, e funcionando como mecanismo de defesa para uma suposta soberania.

Sempre existirá para estabelecer a que grupo social fazemos parte. Embora saibamos ou entendemos que essa necessidade nada mais é do que imposição de um grupo de pessoas sobre outro, num jogo de pertença. Nos estudos de Frederick Barth, a forma de perceber a distinção que marca os grupos étnicos está essencialmente expressa no modo de inclusão e de incorporação, e não como se pensava simplesmente por meio do contato com o outro, da informação nos espaços.

Quando alguém de outro grupo passa a comporta-se ou mesmo exprime afinidade com o mesmo, sua participação é avaliada conforme critérios de valores.

Percebo que o resgate de raízes ocorre em períodos chaves, não há constante manutenção da identidade cultural e nacional, até porque de certo modo o lugar em questão lhes convida a absorver também seus elementos culturais, fazendo isso sua aceitação.

Capítulo II: Marcação de Semelhanças

2.1. As aparências promovem uma visão homogeneizada

Neste capítulo tem como objetivo analisar os diferentes pontos e momentos em que os estudantes provenientes do continente africano são marcados enquanto “africano”. Mencionei no capítulo anterior que as identidades para existirem passam por um processo de construção e isso só acontece nos momentos de interação social “nós” e “eles”, por esse motivo procuro analisar quais são esses diferentes momentos em que o sentido do “nós” é construído, num olhar externo e interno.

A primeira identificação tem a ver com as associações e reações que a população local faz a partir da pele negra. A princípio ao ver uma pessoa de pele escura lhes causa certo estranhamento. Ora isso acontece logo em uma região em que é estampado por todos os cantos da cidade que foi o 1º lugar de libertação dos escravizados. Mas essa herança só tem valor como marco histórico. Em nenhum momento há exaltação da raça negra, ao contrario há um discurso pós-libertação de que todos os ex-escravizados e seus descendentes voltaram para seu país de origem ou deslocaram-se para outras regiões do Brasil. Destacando o fato de que o discurso de identidade negra está ausente na região em que foi feita a instalação de uma universidade que tem como objetivo o intercâmbio em especial entre Brasil e África. Com essa presença massiva de estrangeiros, criou-se um discurso local que diz mais ou menos assim: “esses sim são negros, nós somos é branco na frente deles”. Paiva (2011) nos mostra que essa depreciação ao ser negro tem um caráter histórico que está enraizado no imaginário de muitas gerações da humanidade, isso é confirmado na seguinte passagem:

Desde muito cedo os africanos de todo o continente foram alvo de descrições e especulações de europeus e povos da Ásia. A cor negra da pele das populações de várias partes da África sempre intrigou e despertou admiração, desprezo e cobiça. (PAIVA, 2011, p.69).

Mesmo depois de três anos de funcionamento da UNILAB, ao caminhar com um dos estudantes do continente africano um senhor aponto-o do meio da rua, e mencionou em alto e bom som: “Olha, um Africano!”. Mas o que tornou identificável o rapaz que estava me acompanhando ser um “africano”? É um questionamento, e bem sei que isso é indício da ausência de informação dos moradores a respeito de que em África, assim como no Brasil, ocorreu incorporação de outros grupos raciais e que, lá também existem pessoas de cor de pele clara. Esse desconhecimento não fica restrito somente aos

moradores, pois circula na própria academia, entre alunos, professores e técnicos administrativos. Frequentemente, pessoas de pele negra brasileiras são confundidas como estrangeiros e pessoas de pele clara de África transitam sem maiores olhares, até que falem, pois o sotaque e ou língua crioula são outros indicadores que mostram que não são daqui.

Transitar nas ruas em companhia de estudantes do continente africano seja do sexo feminino ou masculino é alvo constante dos olhares da população, principalmente se você mostra alguma amizade. Aparentemente isso altera a ordem da cidade, aonde o habitual entre locais e estrangeiros seria somente as relações comerciais, ou seja, venda de produtos e utilização de serviços. Em uma interpretação mais aprofundada Mary Douglas (1976) associa a desordem a perigo ilimitado, talvez seja essa a razão em seguirmos padrões:

Admitindo-se que a desordem estraga o padrão, ela também fornece os materiais do padrão. A ordem implica restrições; de todos os materiais possíveis, uma limitada seleção foi feita e de todas as possíveis relações foi usado um conjunto limitado. Assim, a desordem por implicação é limitada, nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial para padronização. (DOUGLAS; 1976: p.117)

Meu colega estava no seu primeiro trimestre na cidade e já sentia o tipo de tratamento que poderia daquele momento em diante receber. Ao contrário do que acontece nos grandes centros urbanos onde os estudantes africanos passam quase despercebidos, nas cidades do interior eles vivem dois momentos: ora são completamente exotizados ora são alvo de rejeição (ou estigmatizados). Em Redenção, o primeiro momento fica caracterizado quando acontecem eventos tanto na praça da matriz como na universidade, quando aberto para a comunidade. Os estudantes passam por um pequeno instante de glória, pessoas querendo tirar fotos exotizando-os como algo inusitado. Porém as expectativas são frustradas quando os estudantes preparam uma pequena demonstração cultural do seu país como danças, comidas típicas e desfile de roupas, e oficinas de cabelos. É constatado que na plateia a população local comparece em um pequeno número, assistem só cochichando e dando risadas, quando não saem antes de encerrar o evento. Essa ausência do público local no meu entender caracteriza uma resistência em conhecer o outro, o diferente e, o ideal é manter-se distante. Fomentando o discurso das danças “indecentes”, da comida “que é apimentada demais”, e das músicas quase sem letras, só com batuque. Esses são alguns dos

estereótipos que os afrodescendentes também sofrem no Brasil afora como discriminação e, que só a partir desse estudo pude perceber a conexão, ou seja, os motivos que acarreta a rejeição dos elementos, que remete as pessoas e ao continente africano.

Quero fazer um paralelo com dois estados brasileiros onde há um número significativo de afro-brasileiros: Bahia e Rio de Janeiro, onde ambos são estigmatizados. No Rio a imagem da mulher e das danças, como samba e o funk são lembrados pela sensualidade e, alta exposição da mulher. Na Bahia a musicalidade é associada à ausência de conteúdo nas letras, assim como forte presença de instrumentos de percussão. Já a culinária remetida a pratos típicos com temperos picantes, quase não comestíveis. Fiz esse parêntese para frisar a semelhança dos estigmas que afastam e depreciam a origem Africana.

Voltando para as questões mais locais, observa-se que a cidade de Redenção está dividida, mesmo que não existam fronteiras indicando, elas existem simbolicamente. Por exemplo, em evento festivo que tenha concentração de um grande número de estudantes das cinco nacionalidades africanas, não há a liberação de espaço como, a quadra de esporte. A solução é procurar outro local nas cidades vizinhas. Em uma conversa com uma estudante (E.F.4), ela menciona que essa intolerância que a população local tem com os eventos promovidos por eles, gira em torno de preconceito com as pessoas, assim como a música que é tocada. Segue sua fala referindo-se as festas promovidas por estudantes do continente africano:

Antes as festas aconteciam nas quadras e hoje não acontece mais, acho que seja por causa do barulho, mas acredito que por conta do preconceito as músicas africanas. Eu imaginava que era por conta das pessoas quererem dormir cedo, mas percebi que aconteciam outros eventos com barulho e que só terminavam ao amanhecer. (E.F.4)

Em determinadas circunstâncias a presença dos estrangeiros causa um desconforto a algumas pessoas que se encontram no mesmo local que eles, isso é percebido por uma sequencia de gestos. O desconforto não é manifestado todas às vezes pela fala, mas por um olhar apreensivo e movimentos constante na cabeça, como se espera de algo que pudesse acontecer naquele momento, uma atenção redobrada.

Em uma das conversas que tive com um entrevistado, o mesmo me relata uma situações que quero aqui comentar. No relato de um estudante (E.M.7), quando chegou

estava muito ansioso. Porém o fato que chamou a atenção foi que a partir do momento que estavam instalados já nos apartamentos, pessoas levavam frutas e deixavam na porta do prédio, em geral eram bananas. Segundo ele ninguém sabia quem trazia as frutas, com o passar do tempo isso deixou de acontecer. Até agora, não está esclarecido o porquê daquelas ofertas, e os estudantes não sabem, quem lhes presenteavam. Uma possível interpretação aqui: é a de que os estudantes, por serem africanos, seriam miseráveis.

2.2 Os rótulos para classificar os estudantes “africanos”

A concentração de pequenos grupos de estudantes oriundos do continente africano pode gerar inquietudes e muitas vezes incômodo. A presença concentrada de seus corpos promove troca de olhares, testa franzida, lábios torcidos, ou mesmo um pedido ríspido de silêncio. Em algumas ocasiões de nosso cotidiano nós estudantes estamos acompanhados de amigos, quando se concentra um número significativo de pessoas, em um mesmo local, a tendência é que quase todos falem ao mesmo tempo, ou seja, muitas vezes tentando ser ouvidas. Isso não fica longe do grupo de amigos de qualquer nacionalidade da África que aqui estão, mas a sonoridade de suas vozes torna marca registrada para que sejam classificados como barulhentos e, principalmente quando estão falando a língua crioula. Entendo que são tensões geradas por um incômodo da presença de pessoas que aparentam diferenças, em relação ao do padrão da sociedade local. E sempre que isso acontece comprova a dificuldade que algumas pessoas têm em conviver com o outro, e quando envolvem hábitos, o leque de incompatibilidade é extenso. Isso se dá dos dois lados, porém minha investigação nesse momento se atenta mais as leituras externas sobre a presença de estudantes do continente africano. Muito do que foi e ainda será mencionado pode ser também explicado através da história:

(...) A expansão dos muçulmanos da Península Ibérica em 1492 e a expansão do catolicismo ibérico sobre o Mediterrâneo africano e sobre o Novo Mundo são outros marcos indispensáveis para entender melhor a depreciação física, intelectual, religiosa, humana dos negros da África e, inclusive, para se compreender o enorme e inédito comércio transatlântico de escravos. (PAIVA, 2011: p.102)

O reverso não é observado: a população local também fala alto e ao mesmo tempo, mas, porque estão entre o “nós”, não reclamam do seu próprio tom de voz, nem

do volume da concentração grupal. O racismo local se expressa em várias camadas, sendo que passa inevitavelmente pela presença física, corporal dos estudantes.

2.3 Status sociais

Outra forma que a população local homogeneiza os estudantes “africanos” é pelo fator econômico. Para os locais, pensar como são as condições financeiras dos estudantes do continente africano que saem de lá para estudar no Brasil é coberto de desconhecimento e de muitas dúvidas. Ao chegarem são tratados pelos moradores locais como “pobres” à exemplo das bananas presenteadas. Para o senso comum, divulgado por imagens da TV e da mídia, em África há guerras civis, epidemias de doenças, fome e quase nada de desenvolvimento. Estes são alguns dos estereótipos que se tem sobre África circulando na mídia e na boca da população local em geral. E não faço uma crítica exclusivamente às pessoas comuns, pois também quando cheguei à universidade fazia parte desse pensamento, que tenho vergonha de ter passado tanto tempo nessa alienação, mas que agora estando mais próxima de pessoas vindas de lá pude assim conhecer outras realidades contadas pelos próprios. E tento de alguma forma romper com estes estereótipos para aqueles que não estão tendo essa chance como eu estou.

Por outro lado há também os que pensam o lado oposto, que esses alunos podem ser filhos de ministros ou gente com cargos de influência no país de origem, ou seja, que são pessoas abastadas, que vieram esbanjar as riquezas fora do seu país. Como consequência desse pensamento até mesmo o processo seletivo para a entrada dos alunos é questionado. Alguns estudantes nacionais deduzem e supõem coisas a respeito, subestimando-os a capacidade e a inteligência como se não tivessem mérito suficiente para entrar na universidade.

Esse processo acontece devido à inversão de valores: os que foram inicialmente vistos como pobres, pouco a pouco passaram a ser vistos como ricos, tornando-se inclusive alvo de assaltantes, tanto em Redenção como na cidade vizinha Acarape que também recebe esses estudantes. Isso vem se configurando pelo simples fato de alguns possuírem smartphones, notebooks, tabletes, tênis de marca, fone de ouvidos e bonés de marca internacional, relógios, enfim qualquer um desses objetos que exprimiria riqueza, mesmo que essa não seja de fato a realidade, mas a imagem por meio daquilo que carregam pode passar verdade ou engano.

Outro acontecimento que equivoca os moradores e fomentam estereótipos são as festas de aniversários. Em geral, estas festas têm bastantes convidados, muitas bebidas e comidas, o tempo de duração da comemoração pode variar, mas às vezes pode se estender até o outro dia. Festejar um aniversário requer gastos, e isso não condiz com a ideia estereotipada da vida com dificuldade e privações. Sendo esse mais um aspecto que confunde a visão dos locais, invertendo agora a posição de status, ou seja, assumiram uma nova impressão diante da população.

Já para os colegas acadêmicos o período da copa do mundo de 2014 no Brasil, foi a quebra do estereótipo do “economicamente desfavorecido”, pois alguns estudantes compraram pacotes de ingressos pra assistir alguns jogos que aconteceu na capital cearense, e essa realidade de participar efetivamente da copa indo ao estádio, estava bem distante da realidade dos estudantes locais, devido o preço elevado dos ingressos. Com as fotos e os check-in publicados nas redes sociais, o falatório era que “eles têm dinheiro”, em tom de admiração e, surpresa, ao perceber que as condições financeiras variam muito, ou seja, não é homogênea.

Em Redenção desconhecemos que o continente africano também receba influências de fora e, que essas façam algumas alterações no modo de se ver e estar no mundo globalizado:

(...) A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, pelos jovens... formam um grupo de ‘consumidores globais’ que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si. (WOODWARD, 2011: p.21)

Os primeiros estudantes que chegaram à cidade passaram efetivamente por essa mudança de status, tinham pouco ou nenhum referencial e só com os dissabores do cotidiano puderam entender um pouco da lógica que rege a sociedade local. A vestimenta garante muitas vezes um melhor tratamento em determinados locais, isso associado ao volume de dinheiro que o estudante possui como também se estiver acompanhado de um brasileiro. Em uma conversa com a estudante (E.F.6) fica bem claro sua percepção à respeito dessa questão: “aqui as pessoas, avaliam as pessoas pela roupa, a marca”. E menciona uma ida ao shopping na capital, que comprou uma roupa só pra mostrar pra vendedora que tinha dinheiro e, que a partir dessa ação a forma de tratamento naquela loja foi modificada. Em outra ocasião que saí em sua companhia

para lancharmos junto com seus amigos de mesma nacionalidade, algo inusitado aconteceu: o dono do estabelecimento teve duas posturas diante de um pedido de agilidade do atendimento, sendo que a primeira forma aconteceu sem a minha presença. A estudante (E.F.6) contou-me que ele a tratou com desrespeito, pois falou em um tom de voz elevado, o dono que também serve as mesas foi até a mesa e, pediu para que tivéssemos paciência. A colega (E.F.6) falou “o senhor tem que nos respeitar, agora vem falar bem diferente, sem o tom elevado que havia tratado há pouco”. Essa foi a primeira vez que a estudante tinha reagido à forma de atendimento. Talvez minha presença no local tenha dado mais segurança em agir, assim também imagino que já tivesse muitos desaforos guardados e, havia chegado a hora de expressar seu descontentamento. Era a primeira vez que ela frequentava aquele local e assim como outros estudantes não recebeu o tratamento adequado. Em outra conversa que tive com ela mencionou que é alvo constante daquele “tipo de tratamento”.

Entendendo esta lógica da aparência que às vezes funciona no Brasil, que os estudantes então passaram a imprimir por meio da imagem de seu visual um status que mais se aproxima ao de um estrangeiro bem sucedido. Quando os novatos chegam, os veteranos um pouco mais familiarizados com a capital do Estado, logo os levam pra fazer compras. Em geral, são roupas, calçados, notebooks, roteadores, celulares e outros artigos de consumo para esse primeiro momento.

Ao passar a consumir produtos que circulam localmente entre as pessoas do Estado, dão um ar de igualdade ou mesmo semelhança, quase que gostos parecidos. Ao serem visualizados com determinadas marcas de roupas de expressão local, logo serão vistos como em plena transformação, evidenciando a mudança no status social dos universitários. Aqui nestes casos, sobrepõem-se várias camadas de equívocos, estereotipação e discriminação: raça e classe misturam-se na construção externa do que pode ser a(s) identidade(s) dos estudantes.

2.4 A facilidade em reconhecer os compatriotas

As relações entre os próprios estudantes acontecem também num instante que os mesmos são intercalados pela necessidade de identificação entre si. São esses dispositivos de identificação que vão intercalar vários aspectos do dia a dia dos estudantes. Os aspectos serão acionados de muitas maneiras e exaltam aspectos identitários que passam especialmente pelo pertencimento nacional.

A cada novo ingresso de alunos na instituição de ensino a maneira que os recém-chegados utilizam para tornarem-se visíveis para os seus concidadãos é sinalizar sua presença através do vestuário. De uma maneira geral porta-se uma camiseta, uma estampa ou um tecido característico, uma bolsa com a bandeira do país, e cachecol, pulseira com o nome do país de origem invocando a nação e, sinalizando algo em comum. Neste caso, o pertencimento nacional. Stuart Hall (2011a) nos explica que:

...as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação... As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2011 a, p.49)

Encontrar traços ou mesmo elementos que também te representa em outras pessoas é importante, nesse caso, pois os grupos se formam por meio de coisas em comum e, que dão sentido sua existência como indivíduo coletivo. Fredrik Barth nos faz entender isso a seguir: “se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença ou exclusão” (BARTH, 2011, p.195).

Isso pode ser comunicado até na moda dos cabelos femininos. Durante meu trabalho de campo notei que existem tendências próprias de cada nação africana que aqui estão representadas pelas estudantes. E que os rapazes são bem observadores e reconhecem de longe que aquele cabelo foi feito por alguém do seu país, através do trançado, ou seja, através do estilo. Assim, as identificações que observei foram ousar nas tonalidades dos apliques, na quantidade e na fibra e tamanho do cabelo estaria diante das Guineenses; usar ele mais ao natural, no tamanho médio ou curto e quando não com poucas tranças às vezes na lateral da cabeça, já estaríamos falando das caboverdianas; já as longas tranças grossas ou muito finas são características das angolanas.

Na minha visão de aprendiz de pesquisadora, são também nessas formas de expressões que as tornam identificadas num ambiente repleto de outras mulheres vindas do continente Africano. Porém essa percepção não chega para todos, os que são indiferentes às particularidades e não conseguiram notar diferença mínima ou maior que seja e, continuarão reproduzindo a ideia dos locais já apresentado que, “todos os/as africanos/as são iguais”. Acredito que isso se dar por uma associação a menção da

pessoa com a cor da pele. Elemento que unificasse todo um grupo. Por mais que exista uma distinção entre cada pessoa, seja ela do sexo feminino ou masculino.

Uma forma de tornar o novo lugar onde estão morando em um espaço familiar e confortável é estar sempre juntos de seus compatriotas. Vir do mesmo país, fazer parte do mesmo grupo étnico, ou nacional, ter algum vínculo familiar, ou ser amigo de infância e ou adolescência, partilhar as mesmas crenças e credos, são fatores que colaboram para um processo de identificação e adaptação diminuindo as frustrações. Encontrado esse ponto de apoio os estudantes conseguirão lidar melhor com as adversidades que surgirem ao longo de sua caminhada acadêmica.

2.5 Exaltar o que nos torna únicos

Elencar qualidades ou mesmo condutas próprias e dos outros é algo frequente no discurso dos estrangeiros estudantes. Essa prática caminha em uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que determina uma marca que autentique o meu ser e meus semelhantes enquanto indivíduos em outra sociedade ficarão em ênfase um etnocentrismo às avessas, porquanto essa situação de vantagem em relação a qualquer outra nação ou sociedade prende o indivíduo numa ilusória ideia de “originais”, “únicos” ou mesmo de “autênticos” em relação aos demais. Estabelecer um ponto de equilíbrio não é tarefa fácil, tendo em vista que a todo o momento é necessário provar o que os fazem diferentes e ao mesmo tempo melhores.

Para tentar unificar um grande contingente de pessoas através de um discurso é si necessário invocar um ponto chave. Um exemplo muito utilizado para homogeneizar os povos africanos é valer-se da ideia de que todos são irmãos e, por isso compartilham a mesma realidade, sofrem os mesmos preconceitos e passam as mesmas dificuldades, conduzem suas vidas semelhantemente. A união que proclama todo o continente em uma totalidade foi uma maneira encontrada para recuperar a força dos povos africanos que em período de colonização europeia foram brutalmente fragmentados. Essa estratégia utilizada valeu-se pelo fato da existência de uma tamanha diversidade étnica dos povos. Assim também como uma forma de resgatar a alta estima desses povos e, almejar uma união entre todos os afrodescendentes espalhados por toda parte. Para sintetizar isso trago uma frase dita na comemoração á independência de Moçambique, em que noto a valorização do lugar de origem “Foi na África onde tudo começou o berço da humanidade”.

Em geral um discurso pode esclarecer questões e, pode ir mais além para torná-los consciente de um papel ou meta a ser cumprido. Percebo que a grande preocupação de alguns docentes é que os estudantes que vieram de África não se esqueçam de suas origens e por isso há um discurso tão repetido pelos mesmos: que ao término da graduação retornem a seus lugares de origem e colaborem para desenvolver seu país. Ou seja, rompa antes que aconteça qualquer desejo ou sonho particular em permanecer no Brasil. Existe uma missão e ela precisa ser cumprida.

2.6 A culinária e o sabor diferente da comida

Valorizar o que é típico ou pelo menos o que se pensa que seja, é algo importante quando o assunto é a demonstração identitária. No caminho disso está uma das artes que prende o indivíduo e o torna fã através do paladar, essa arte secular que é a culinária. O apreço em transformar alimentos crus em saborosos pratos e que encanta principalmente aos homens, é algo característico da “autêntica” “mulher Africana” ou pelo menos é assim performatizado. Desde muito cedo as meninas já se socializam com o universo culinário e é imprescindível para sua formação enquanto futura responsável por sua família.

Deparar-se com mulheres que não têm muita aptidão para cozinhar será motivo de surpresa, e isto é para os que não são do país, algo que difere e diminui o potencial feminino como esposa, tendo em vista que saber cozinhar é uma das garantias da sobrevivência da família. Os estudantes demonstram preocupação nesse requisito, pois tudo que não se encaixa com seu modo de vida anterior, pode lhe causar perigo, ou seja, perda de controle.

A criatividade em misturar ingredientes, a sabedoria em selecionar os mais saudáveis, a recusa de produtos prejudiciais à saúde, veio na prática consciente de algumas estudantes. Só que chegando ao Brasil, mais precisamente Redenção os hábitos alimentarem vão sofrer uma significativa mudança na rotina e mais além na saúde e no físico. Segundo relato de uma estudante (E.F.8) “a comida daqui não tem tempero” para dar sabor aos pratos. Repete-se “muito arroz e feijão”, e há um “exagero” em comer carnes e produtos industrializados. E faz um paralelo ao mencionar que depois que chegou aqui sua saúde ficou muito debilitada, chegando a supor que a parte alimentar tenha favorecido para tal.

A alimentação é um dos fatores mais mencionados quando a questão é dificuldade de adaptação. Recorrer aos alimentos para transportar-se para sua terra natal e aliviar um pouco a saudade é recorrente para os estudantes do continente africano. Quando vieram para o Brasil, alguns trouxeram na bagagem ingredientes pra suprir a ausência do sabor dos pratos que eram de sua preferência em seu país. Essa talvez seja uma das formas de diminuir a distância e, continuar em conexão com o lugar de origem.

Ao mesmo tempo, é a forma de “matar a saudade” e, sobretudo, marcar a identidade, através do preparo dos pratos “nacionais”.

Capítulo III- Marcação de Diferenças

3.1 Os espaços e o despertar das diferenças

Seguindo com meu argumento, apresento neste capítulo a etnografia dos exercícios identitários cujas, as marcas são as definições que diferenciam o grupo de estudantes “africanos”. Neste sentido, estas internamente marcas que diferenciam uns dos outros delimitam fortemente as identidades nacionais, promovendo rupturas não necessariamente conflitos entre este grupo.

Este capítulo tem como objetivo analisar em que espaços e em quais momentos os estudantes do continente africano que estudam na UNILAB procuram demonstrar o que os tornam diferentes dos demais que vieram do mesmo continente.

Entre os estudantes a ideia de que são “africanos”, tropeça por vezes na ideia de que não dá para abarcar uma identidade que contemple todo um continente, com suas variadas formas de definições. O “contra discurso” de que “África é um continente e não um país” é a confirmação de que a “essência” pensada por outros desmancha-se para dar voz à várias identidades, sendo essas suscetíveis a transformações, que têm influências do plano global relacionado ao processo de modernização que atinge gradativamente as esferas sociais. Como demonstra Anthony Giddens, [a] modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituído-as por organizações muito maiores e impessoais. (GIDDENS, 2002, p.38).

3.2 Os signos que os estudantes utilizam para realçar as diferenças

Nós enquanto indivíduos de uma coletividade procuramos, de alguma maneira aliar o nosso corpo aos espaços que frequentamos. Ou seja, caracterizamos o nosso corpo de diversas maneiras para imprimir uma imagem que possa estar associada aquele local assim também como expressar a nossa particularidade em meio a tudo isso. Alguns estudantes lusófonos da África se surpreendem ao depararem com a forma como homens e mulheres brasileiros /as se vestem tanto no ambiente estudantil como fora dele. Veem-se diante do primeiro fator que marca a diferença entre “Nós” e “Eles”. Cada pessoa incorpora no corpo algo que represente uma coletividade, sendo que essa pode estar vinculada a um grupo específico ou uma mera tendência do mercado, que entendo como modismo, ou mesmo uma mera formalidade.

No início pode ser sentido como um “choque”. Foi assim que um colega de classe falou ao referir-se a vestimenta das mulheres cearenses, dando destaque aos shorts curtos, que segundo o mesmo “parece mais é roupa de praia”. E segundo ele, não é nada fácil deparar-se com mulheres com micro roupas. Esse “problema”, a vestimenta feminina foi motivo de pauta para seguir para a reitoria, mas provavelmente sem retorno, pois tendo em vista que a universidade tem outras questões mais urgentes a resolver. Enquanto isso fica a indignação de alguns rapazes inconformados com tanta exposição de pernas no ambiente acadêmico.

As jovens africanas diferenciam-se significativamente uma das outras, aliando cabelo e roupas. Enquanto há as que optam por seguir a tendências das roupas e calçados locais, e acabam virando consumidoras de produtos como shorts e calças jeans, vestidos com renda ou transparência, sapatilhas e rasteirinhas entre outros, em contrapartida há as meninas que permanecem mantendo o seu vestuário. Esse é facilmente identificado, sendo a forte marca diferencial as estampas, as cores combinando com o formato do mapa do continente africano.

As modas de cabelo, que às vezes segue uma tendência do momento. Ou em outros casos mantendo sempre um mesmo estilo, como se fosse um registro pessoal através dos cabelos. Os jovens seguem essa regra cabelos, roupas, e o elemento de grande destaque, os tênis. Como no capítulo anterior mencionei os estilos de cabelos que as estudantes Africanas conseguem diferenciar, nesse retorno somente pra mostrar a participação masculina nesse perfil, os homens que abusam da criatividade predominantemente os Guineenses. Assim como as mulheres, os homens também experimentam e mudam frequentemente de estilo. “Fazer o cabelo” é a expressão dada ao ato de trançar os cabelos. Os modelos que percebo são as tranças rentes à cabeça, os cabelos enrolado com os dedos esse feito pelos próprios rapazes, o Black Power, e um ou outro rastafári. Há os que não têm uma categoria definida, é mais uma inspiração bem particular desses rapazes. O cabelo cortado bem curtinho é mais frequente, não sei se isso tem a ver com recentes hábitos adquiridos aqui ou se já vieram de lá. Algo que pode ser investigado posteriormente.

Enquanto alguns estudantes do continente africano aparecem desfilando com seus tênis de marcas internacionais como: nike, adidas, puma, e outras mais. Consigo perceber que há um distanciamento social, expresso nos calçados que cada estudante

possui, e essa distinção econômica e social é um mecanismo que pontua e separa os estudantes. E essa percepção não foi observada exclusivamente por mim, mas por um comentário de um estudante, ao apontar que todas as pessoas que se encontravam na biblioteca naquele momento passavam através de seus pertences de que grupos econômicos faziam parte, inclusive se colocou como exemplo, ao dizer: “olhe para o meu relógio, meu mp3 e meu fone de ouvido”. Em seguida menciona cada marca dos objetos que carregava sinalizando que sua condição econômica estava associada ao valor dos produtos que possui. Não satisfeito com as associações produtos/condição social, ele menciona o meu celular e o meu óculos como exemplo para categorizar que assim como ele faço parte de um determinado grupo, e que as pessoas iriam diferenciar-se uma das outras por meio desses símbolos de consumo.

3.3 Comemorações de independência: viva o meu país!

Nesta sessão pretendo identificar em que momentos e de que maneira os estudantes do continente africano de língua oficial portuguesa, sinalizam os indicadores de diferença interna. Logo pensar em identidade consequentemente refletirá a diferença. Essa é a marca central que distinguimos uns dos outros e, entendida por Hall (2011) como uma construção tanto simbólica como social. Ou seja, exprimimos signos no tempo e em diferentes espaços como maneira de demonstrar uma identidade.

Na comemoração de independência de um dos países do continente africano de língua portuguesa, os estudantes promoveram uma peça teatral toda em uma língua do local de origem, o que marcou seu público alvo, somente estaria na plateia aquele que entendesse a língua. Mesmo aqueles curiosos ou pesquisador assim como eu, ficaríamos sem entender os diálogos, mesmo com a breve introdução do que apresentaram, não foi suficiente para um entendimento por completo das cenas. Questionando a estudante (E.F.5) sobre o porquê de realizar a peça em crioulo, a estudante respondeu “em crioulo podemos expressar melhor nossas emoções”. Hall explica bem o sentido que a língua trás consigo. “[f]alar uma língua não significar apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.” (2011: p.40)

Ao fazer isso os estudantes estavam indicando por meio da linguagem o seu pertencimento com uma dada cultura e sobre tudo à uma dada nação, que perpassou os limites territoriais, neste momento de exaltação à nação pode-se constatar como os

estudantes se doam em mostrar aos demais o que os torna singular e como as pessoas são fundamentais para a marcação e diferenciação de suas identidades.

Ao término das apresentações teatrais o presidente dos estudantes daquela nacionalidade, expressou bem essa fundamentação, ao dizer que: “meu país não tem petróleo, não tem diamante, mas tem o povo que é a riqueza desse país”.

Os elementos naturais mencionados no discurso acima são encontrados também em Angola e Moçambique. Aqui o fator econômico está simbolicamente embutido nos levando a concordar com o que Hall aponta: “[o]s sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido a experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados”. (2011a: p.20).

As comparações sobre as riquezas naturais e abundância de recursos são estratégias para sobrevalorizar uns e menosprezar outros. Em uma conversa com estudantes de outra nacionalidade, um deles menciona “o número de pessoas no país referido acima é inferior o número deles no estrangeiro”, nesse sentido não há uma exclusão evidente, mas sim um perfil confirmado, do lugar espacial dos nascidos no mencionado país.

Continuando no mesmo foco trago mais menção as comemorações dos aniversários de independência dos países africanos de língua oficial portuguesa. Por perceber que são nesses momentos que os estudantes procuram uma superação pessoal. Entendo que cada nação produz um discurso e esse é constantemente reafirmado nas vozes dos estudantes. Daí também vem à ideia de comemorar as datas de independência com tanta empolgação.

É um acontecimento esperado por todos que vieram de África e, de alguma forma sentem uma imensa necessidade em celebrar um momento histórico tão expressivo na vida de cada nação.

A organização das atividades fica a cargo de uma comissão formada pelos alunos interessados em participar. Nas edições que pude participar da plateia assistindo de perto, presenciei algumas situações no mínimo inusitadas. Os estudantes de um dos países escolheram contar o momento em que os portugueses chegaram à sua terra e, mantiveram os primeiros contatos com os “nativos”. Em outra ocasião a participação de dois estudantes brasileiros em cena, algo inédito. Seu personagem era um português,

obvio falaria o idioma português. Não, errado. Por este rapaz estar em processo de aprendizado da língua crioulo, vem desenvolvendo o hábito em comunicar-se com seus amigos estrangeiros naquela língua. Confundido, o rapaz acabou se expressando em crioulo. E virou motivo de risadas, sendo essas de contentamento e admiração. Este estudante talvez seja o único rapaz brasileiro que tem uma aproximação mais direta com a língua de uma determinada nacionalidade. Quando digo direta, me refiro ao convívio diário: ele circula na maioria das vezes acompanhado por estudantes estrangeiros. E isso causa certo estranhamento de alguns universitários, principalmente brasileiros.

Diante dos dados etnográficos chego a inferir que da mesma forma que um lado sofre alteração o outro também recebe, a intensidade irá variar de pessoas para pessoa, mas não vai anular a existência de uma incorporação cultural. Não dá para destituir-se da absorção num ambiente tão diversificado como a UNILAB. Esse processo faz parte de mudanças que ocorrem devido ao contato com outros grupos culturais e segundo o antropólogo Roque Laraia (1986) isso acontece por conta do dinamismo que as culturas possuem. Afirmando ainda que um sistema cultural não é capaz de permanecer isolado de outros sistemas, usando somente suas práticas e modificações interna do grupo.

Assim como o estudante brasileiro mencionado anteriormente, compartilho por vezes de constantes indagações a respeito de estar na companhia de estrangeiro/as, talvez pelo fato de termos a pele clara, e apresentar interesse em conhecer outras pessoas de cultura diferente da que estamos inseridos. Já ouvi qualquer coisa referente a ele: “Esse rapaz é africano?” “Ele exagera até no tom da voz, ao falar crioulo.” Eu também não fiquei imune de comentários como: “você quer é arranjar um [namorado] africano”.

O que percebo de fato, é que as pessoas ao se depararem com outras de mesma origem usando, compartilhando ou mesmo absorvendo qualquer elemento cultural que não os represente, como no caso citado, a língua, e no meu caso a partir do momento que coloquei extensões no cabelo, despertamos algum impacto por conta das transformações. Ao mesmo tempo em que recebemos uma espécie de aceitação por um grupo consequentemente sofremos exclusão de outros. Esse é o jogo das identidades onde você pode estar inserido em um meio, porém não imune a rejeição ou crítica do que está a sua volta.

3.3.1 Viajar sem sair do chão, sensação vivenciada durante as apresentações

Na UNILAB, as apresentações de datas comemorativas são realizadas no anfiteatro, no auditório ou mesmo no pátio do bloco didático, é durante o turno da noite. Geralmente são agendados para ser realizados nas quartas feiras, por existir o Projeto de Extensão chamado de Quarta Cultural. Nesse dia a comunidade local frequenta a universidade, por isso torna-se mais interessante que as apresentações artísticas promovidas pelos estudantes em homenagem a seu país aconteça nesse dia, para que a comunidade também possa assistir a esses eventos.

Nestas ocasiões é criado um ambiente, um cenário que remeta ou lembre aquele lugar de origem dos estudantes, como a bandeira, as cores das vestimentas ou o traje que os mestres de cerimônia apresentam-se. Usar vestimentas com modelos de roupas e tecidos que representem a nação também é importante. Isso acontece em dois momentos: o primeiro ocorre nos desfile de moda. Essa categoria está ganhando força, e a cada independência os países tentam superar uns aos outros. Os modelos são os próprios estudantes que vêm representam as sete nacionalidades que fazem parte do corpo discente da instituição. A passarela tem a intenção de promover a integração, esse discurso institucional, que alguns estudantes procuram alcançar. O segundo momento são as danças: a marrabenta de Moçambique, o funaná de Cabo-verde, o kuduro de Angola, danças balanta e bijagós de Guiné Bissau.

A vestimenta que aparece e para recuperar uma imagem e transmitir ao público que está assistindo uma representação cultural de seus povos. Os próprios estudantes também passam por um momento de reconhecimento tendo em vista que boa parte dos que estão aqui vieram da capital de seu país, lugar esse que recebeu mais intensamente o processo de colonização e, conseqüentemente suas heranças culturais foram mais fragmentadas do que no campo. Isso foi encenado na peça de teatro que os estudantes angolanos trouxeram como forma de exemplificar o que acontece nas cidades do interior e, que as pessoas ao mudarem para os grandes centros urbanos, acabam deixando de lado as tradições de suas etnias, assim também como deixam de acreditar nos ritos que dão sentido a sua vida. Trazer à tona questões dessa forma, é também alertar aqueles que estão longe para que não abandonem seus costumes, e crenças. Uma hora esses estudantes sentirão a necessidade de recorrer a eles, isso ficou bem expresso na apresentação de um ritual em que a menina estava no seu rito de passagem, ela

deixaria de ser menina e se tornaria uma moça, estaria pronta pra ter contato com um homem, durante a dança do rito, o mestre de cerimônia foi participar. Quando terminou a apresentação, a dama disse “a tradição fala mais alto”. Comentando a participação talvez repentina do apresentador, esse momento configurou o reencontro com sua nação.

3.3.2 A noite de gala

O segundo momento para dar continuidade às comemorações de independência dos países acontecem em um espaço próprio para festas dançantes. Os preparativos para a realização são feitos por uma comissão. As tarefas distribuídas são: a divulgação do evento, venda dos ingressos antecipados, compra das bebidas, encontrar e decorar um espaço, preparação das comidas que serão consumidas e a escolha das músicas.

São sempre anunciadas grandes surpresas, com ambientação dividida em três espaços. A propaganda convida para “a noite dos seus sonhos”. E sugere que se use “trajes de gala”. A maioria segue esse padrão ou pelo menos tentam caprichar na produção. O valor do ingresso é único para todos, variando de 25 a 30 reais, o consumo da bebida é livre.

As relações de gênero estão fortemente definidas no que se refere a posição que ambos ocupam nesse ambiente específico. As mulheres preparam as comidas e servem enquanto os homens se encarregam de comprar as bebidas e servir. Os frequentadores independentes do sexo pagam o mesmo valor do ingresso, mas nem sempre irá consumir no mesmo pé de igualdade. Já que as meninas em sua maioria consomem refrigerantes e os meninos álcool (cerveja, caipirinha, etc.) Essa discrepância observada não abarca todos os eventos que participei.

Supondo que cada festa de independência tenha objetivo de promover uma diversão para todos os participantes e organizadores, identifiquei implicitamente uma disputa dos países que costumam promover eventos dessa natureza. É quase uma corrida por excelência e satisfação. Aquele/a que prestigia a festa é quem sairá com a resposta positiva ou negativa.

3.4 Desafios da unidade: entre o agir e o pensar

Como as datas de libertação dos países de língua portuguesa do continente africano são muito próximas, observa-se uma sequência de festividades, mas o que também me chamou atenção nesse ano de 2014 foi à ausência de apresentação por parte de uma das nações. Indaguei um estudante sobre quais os motivos para não realização do evento de independência de seu país, já que no ano anterior tinha se realizado. A justificativa era “a falta de tempo para organizar a festividade e as divergências de opiniões”, tendo em consideração o aumento de compatriotas ingressados na universidade.

Porém o dia não passou despercebido, sábado 12 de julho de 2014, por volta das 15hs os estudantes daquele país se reuniram na quadra esportiva de Redenção, para confraternizar jogando futebol, esporte esse muito praticado por eles. Sendo uma nação competitiva nos torneios realizados entre as nacionalidades. Mas uma declaração me deixou intrigada, quando perguntei a um dos rapazes, quais os times que iriam jogar?

Ele respondeu: “vamos jogar entre nós, não gostamos de confusão”.

Ao ouvir essa frase me veio logo na mente a distinção que é feita sempre para a classificação de sistemas simbólicos, ao estabelecer a separação entre “Nós e eles” confirmada por Hall “[u]m sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la...em ao menos dois grupos opostos nós/eles (2011: p.40).

3.5 Reflexões sobre a conduta alheia

As identidades em sua plenitude tem um caráter relacional. Sempre existirá um termo, ou ação que nos distancie ou aproxime de um determinado grupo. Segundo Poutignat (2011: p.124) “... ao mesmo tempo que afirma um Eu coletivo, nega um Outro coletivo”. Essa distinção pode ser percebida nos ciclos de amigos, em que a afetividade entre os estudantes prevalece entre os do mesmo país, ou seja, compartilham da mesma nacionalidade. Contudo não raro encontramos amizades estáveis com pessoas de nacionalidade diferente. O que está em jogo aqui não é mais partilhar a mesma cultura e, sim dividir e interagir, nos mesmos espaços sociais.

Os estudantes (E.M.1) e (E.F.5) ambos chegaram a Redenção na primeira entrada de alunos e, logo passaram a morar e conviver com pessoas das outras nacionalidades. Esses contatos lhes proporcionaram algo almejado pela instituição onde estudam que é a “integração”. O interesse por pessoas de outras nacionalidades pode se dar pelo mesmo de duas maneiras: uma, seria a ausência de compatriota naquele momento de sua chegada; a outra seria um querer viver na prática e não só num mero discurso. Isso é mencionado na fala da estudante (E.F.5) em relação ao fato de morar e sempre estar acompanhada de brasileiras. Suas palavras são esclarecedoras:

Consigo falar com pessoas de todas as nacionalidades, pois tenho facilidade na comunicação. Agora consigo viver tranquilamente em Redenção, mas isso só foi possível com a ajuda de amigas brasileiras que moram comigo e também estudam comigo. Elas me acolheram em seus lares logo no início, nos finais de semana, no período de adaptação.

Por mais que existam diferenças culturais entre as estudantes nada impediu que elas trocassem experiências e compartilhassem os mesmos ambientes, tendo em vista que os sentimentos nacionais sejam produzidos também para unificar um povo. Hall acredita que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” (2011: p.49).

Muitas vezes a estudante que referi anteriormente é apontada por outros como “assimilada”, ou seja, que esteja querendo “passar” por brasileira. Ela conta:

Lá em nosso país assistimos às novelas e ouvimos as músicas do Brasil. Vocês não sabiam nada da gente agora com nossa presença, vocês até escutam nossas músicas e pode apreender o crioulo. Ninguém sai perdendo, não vou deixar de ser Africana por falar assim como você.

3.6 Vivenciar visões distorcidas

Saber um pouco do Brasil por meio das novelas é algo muito comentado pelos estudantes e, quando se deparam com a realidade local, quebra bem essa fantasia vendida para o exterior sobre um “país de mulheres bonitas”, “muito futebol”, “samba” e “carnaval”, ou seja, um lugar nada propício para estudar. Tomando como base a teoria de Benedict Anderson (2005) sobre nações enquanto “comunidades imaginadas” é bem isso que acontece em diversos cantos espalhados afora, em que um micro é referenciado como um todo, para exprimir uma uniformidade e ser mais fácil de simbolizá-la tanto

dentro como fora do território. Essa maneira de definir uma nação a partir da imaginação é argumentada nas palavras de Anderson:

É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão. (2005: p.25)

Nessa lógica Andersoniana relato uma de minhas conversas com a estudante (E.F.4). Em viagem de férias para seu país, todos lhe pediam pra que dançasse samba, daí ela justificou dizendo: “eu estou morando no Ceará, lá se dança forró, até estou tentando aprender”. Talvez por alguns instantes tenha sido frustrante por não levar consigo algo dito como “genuinamente” brasileiro. Mas isso também serviu para confirmar que não somos os únicos que visualizamos a imagem simplista um do outro. Mas isso se repete à pergunta sobre a dança que participou na comemoração da independência de seu país, ela faz uma associação ao comparar: “[a] dança marrabenta representa pra nós a mesma coisa que o samba pra vocês; já a dança tufo é como se fosse o forró para o nordeste.” Nessa fala se evidencia as marcas que sinaliza o que torna-nos pertencentes de grupos e território diferentes.

Ainda na perspectiva de Anderson, Hall a complementa da seguinte forma: “[e] necessário criar laços imaginários que permitam ‘ligar’ pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum”. (2011: p. 85).

Tudo converge às vezes em se apropriar de propagandas de cunho empresarial, ou seja, com intuito de atrair investidores para se instalar em determinados países africanos. Vejo que os estudantes ao escolher os vídeos e as imagens que iram aparecer nas festividades de independência, uma das preocupações é desmistificar a visão que temos enquanto brasileiros dos países africanos, lugar de guerras, pobreza, doenças e sofrimento, esse cunho piedoso que as mídias em geral implantaram ao longo do tempo em nosso imaginário. O estudante (E.M.3) conta que:

A escolha do vídeo de fato, era pra quebrar a imagem que o Brasil tem sobre África, da pobreza. Mas não colocaria em uma apresentação nada que remetesse a divulgação para atrair outras pessoas a vim trabalhar no meu país, pois lá existem pessoas capazes.

O que fica bem costurado nesse panorama se configura com a extrema necessidade de provar pra todos o que eles não são, e o que verdadeiramente conta suas

histórias. Seja por meio dos autóctones, que eram compostos por reinos, sendo esses posteriormente divididos através de etnias. E não menos importante, enquadrasse os grandes mártires, ou melhor, dizendo os heróis das lutas de libertação. Esses que comporão os partidos de lutas armada de libertação tornaram-se uma representação muito forte para os jovens dessas nações. E sempre que se comemoram as independências essas figuras reaparecem nos discursos e ou na teatralização. Em sua maioria exaltados, e carregam consigo quase que total os créditos do processo de libertação dos países, ou seja, são ícones da liberdade. Nas duas peças de teatro encenadas na universidade que enfatizava processo de tomada de consciência dos líderes intelectuais, pude notar uma abordagem diferente sobre o mesmo tema. Na primeira, os estudantes encenaram a trajetória de vida do líder Amílcar Cabral, e o momento efetivo de guerra contra os opressores. Na segunda peça, os estudantes encenaram a aproximação dos líderes de libertação, com a população local. Esse momento sinalizou o quanto foi importante à participação do povo nessa batalha, tendo em vista que para conquistar a autonomia do país foi necessária uma tomada de consciência coletiva. Isso é bem representado na encenação, quando os líderes chamam, convidam os jovens pra luta, só que o homem mais velho daquele grupo demonstrou uma apreensão com o enfrentamento, desmotiva-os por conta dos riscos de vida. Contudo isso não impediu que muitos se engajassem naquele projeto. Outro dado a ser posto é a maneira com que é encenada, a determinação da figura feminina em querer participar da luta por liberdade. Na atuação de uma estudante, a mulher carrega consigo uma criança nas costas, uma maneira que elas usavam para transportar os filhos, ao passo que ficavam com as mãos livre para carregar ou manusear coisas. Esse detalhe que foi trazido, da mulher mesmo com filho pequeno mostrava a importância de todos os adultos em ir ao combate, vem para pontuar a presença de mulheres atuando efetivamente num processo de libertação. O destaque que os estudantes deram a ação feminina nesse tipo de movimento, contribui para tirar o anonimato de algumas mulheres que foram para o enfrentamento na vida real.

Essas passagens descritas servem de ilustrações para sinalizarem como esses estudantes, se vêm representadas a partir de grandes feitos. Por isso sentem a necessidade de apresentar a História para os que não a conhecem, é uma forma de honrar aqueles que participaram e ajudaram a mudar um cenário de sujeição. No discurso de um estudante para fechar essa ideia é a seguinte: “Vamos retornar a nossa

história com nossos próprios pés... somos povos pacíficos pegamos nas armas para defender nossa liberdade”. Nessa fala ele tem a intenção de corrigir estórias contadas pelos próprios colonizadores para estigmatizar os povos africanos. Outro estudante completa a linha de raciocínio, antes da cena dá início: “vamos contar a história e não voltar a ela”. Creio que com essas palavras ele não queira que as pessoas fiquem totalmente presas ao passado, mas que saibam se valer dele em benefício de uma verdade, e não trazê-lo à tona para estimular qualquer tipo de julgamento.

Algo também muito focalizado ao exibir seu país, seja por meio do discurso e ou de imagens, são as riquezas naturais que cada um possui por excelência. Porém a maneira que eles compreendem o uso desses recursos demonstram o quanto diferentes se tornam. Em quanto uns mencionam que há uma real necessidade de administradores para contribuir com o desenvolvimento, outros num tom mais político diz, “nós temos, areia pesada, ouro, petróleo, peixe, mas tudo isso não serve de nada se não temos recursos humanos”. O caráter com que eles tratam determinados assuntos, sublinha a presença de ideologias políticas muito evidentes. Nas palavras de um professor da instituição que estudamos “Amílcar Cabral é uma espécie de líder espiritual que conduz esses jovens para um projeto”. Projeto esse identificado como a busca por formação no exterior, no entanto o retorno ao seu país de origem pode ser fundamental, para realização completa desse plano. Aqui aparece um pensar coletivo em prol de uma unidade em comum, a nação. Esses estudantes são lembrados pelos seus mestres na academia a importância de volta e ajudar a desenvolver sua terra natal. Isso já passa a incorporar o discurso de alguns no que tange essa ação. “[e]xistem muitas dificuldades de conseguir um diploma para nossa terra... Nós vivemos de mãos dadas para construir nosso país... Conseguir a vitória para construir o país.” Já em outros casos, o desejo de progredir tem mais um perfil paterno e ou pessoal, e não nacionalista como no caso anterior. Tendo em vista que os pais dos migrados de uma maneira precisam receber retorno de seus filhos, não digo reposição de dinheiro, mas confirmação que os recursos que investiram neles estão surtindo resultados. Desse modo um compromisso com seus familiares é firmado. É um propósito tão forte na mente de alguns dos estudantes, que a repetição continua para si e para os outros dos motivos que lhes trouxeram para estudar em solo estrangeiro é constantemente mencionado. Frase do tipo: “vim só pra estudar”, mostra como sua cabeça já veio bem focada ao sair de lá, significa que esses jovens com tal pensamento visam retornar o mais breve possível a seu lar. A estudante (E.M.8)

declara “[s]á do meu país para ter mais oportunidade só penso em fazer especialização se for a um país de língua, mas me contento só com uma graduação”. Essa fala comprova o tipo de motivação que te trouxe ao Brasil, formação acadêmica e não fixar morada. Assim como o estudante (E.M.7) que disse em uma conversa, “[q]uem tem uma graduação em meu país é considerado como um rei, por isso não será necessário buscar uma especialização. Lá só a graduação é suficiente para se conseguir um bom emprego”.

Neste capítulo fiz uma reflexão sobre como as e os estudantes marcam suas diferenças internamente, ou seja, como rompem com a noção corriqueira de que são todos “africanos”. De fato, são africanos, mas delimitam dentre este “ser africano” suas diferenças internas. Ao chegar ao Brasil suas identidades entram em processo de modificação. Reforçam o que consideram importante reforçar: mostram a África e seus países descartando o que os estereótipos apontam como lugar de “pobreza”, “miséria”, “guerras”, etc, e chamam pelos aspectos positivos de suas riquezas materiais, humanas e culturais. Ao mesmo tempo em que pensam em suas individualidades, alguns pensam em algo maior: a Nação e suas respectivas ideologias nacionais e em suas roupas e em seus status, para diferenciarem-se entre si – do grupo visto de maneira homogênea. Marcar as diferenças internas é necessário nesta situação relacional: entre estudantes africanos e entre estudantes brasileiros.

Considerações Finais

Inicio essas considerações com uma reflexão a acerca dos recursos que utilizei para a realização desse trabalho. Mantive durante esse processo o que Cardoso de Oliveira (2006) chama de o trabalho do antropólogo, que consiste em “olhar, ouvir e escrever”, para esse autor é nessa perspectiva que um pesquisador deve seguir.

Nos primeiros recursos estão o “olhar” e o “ouvir”. Cardoso de Oliveira (2006) salienta que o pesquisador quando estiver em campo precisa de uma “domesticação teórica de seu olhar”, isso porque quando estamos prontos e seguros para olhar nosso objeto de estudo ele foi em certa proporção alterado, isso acontece devido a maneira com que olhamos para ele. Em outras palavras a realidade observada muda de direção e acabamos por perder o registro dos fatos. Não menos importante para o trabalho de campo está a escuta, ou seja, ouvir o pesquisado, ambos tanto o olhar como o ouvir são necessários para o exercício da pesquisa, serão artifícios para a futura produção da escrita.

Uma das eventuais dificuldades que tive durante minha participação/ atuação em campo foi à questão da limitação linguística. A partir do que Cardoso de Oliveira (2006) chama de “idiomas culturais” é que pude compreender quando o pesquisador está tendo dificuldade de entender a língua, gírias ou mesmo expressões linguísticas do interlocutor. Isso acontecia eventualmente, embora não soubesse previamente quando isso iria acontecer. O campo é bem isso, surpreende o pesquisador, ao passo que me encontrava sem entender quase nada do crioulo de Cabo Verde e de Guiné Bissau ou mesmo as gírias de Angola e as expressões de São Tomé e Príncipe, gerou em mim momentos de aflições. É nesses momentos que vejo a distinção de dois mundos, o meu de pesquisador e o do pesquisado com sua propriedade linguística diferente da minha.

Por outro lado, o dialogar entre “iguais”, Cardoso de Oliveira (2006), ou seja, o ouvir, se transforma numa interação, como estudante e pesquisadora de Humanidades, reflito que encontro ponto de interseção que nos torna “iguais” seja no fato de sermos jovens, universitários, moradores temporários de Redenção enfim somos seres humanos e isso implica que em alguns momentos iremos compartilhar signos, não importando a intensidade, mas salientando que eles existem e são partilhados. Reconheço minha

identidade racial de afrodescendente, porém os estudantes estrangeiros não me vêem como tal, pelo simples fato de não ter a cor da pele igual à deles. Em outra circunstância que acentua as diferenças é o fato de ser brasileira e estar no Brasil e não ser necessário que esteja o tempo todo solicitada à provar que sou daqui. O contrário disso é a situação dos estudantes estrangeiros, que sempre que solicitados precisam comprovar seus endereços, suas atividades e sua situação econômica, ou seja, provar para o governo local sua condição. Essa diferença também pode aparecer nos resultados apreendidos nesse trabalho por ser mulher, se considerarmos as diferentes trajetórias, o próprio ato de reflexão ou da concepção de uma ideia, podem ser diferentes entre os gêneros feminino e masculino.

Estando diante da “observação participante” (MALINOWSKI, 1978), nos topamos com a escrita, tão prazerosa e ao mesmo tempo solitária e dolorida. É nela que colocamos quase tudo que ouvimos e vemos. Sem ela esse trabalho não teria sentido. Essa última etapa, a escrita apresentada aqui, é a junção do trabalho de campo, da observação participante, da coleta de dados, a análise desse material e concluí com a diluição destes com a teoria. Foi através dessas etapas que foi conduzido e construído meu trabalho apresentado aqui.

Diante dos dados analisados nas entrevistas informais e nas conversas ao longo de minha participação nos nossos espaços, pude inferir que seus discursos carregam fragmentação. Manipulam elementos para diferenciar-se dos demais estudantes, recursos esses usados para marcar as diferentes identidades de seu povo. E em dada ocasião se colocam como membro de identidades partilhadas.

Essas ações de separar quando preciso e unir quando necessário fazem parte dos processos que nomeei como ruptura e permanência identitária. Um dos modos como estes estudantes encontram para se ver dentro dessa nova estrutura é selecionando elementos em comum para marcar suas nacionalidades e origens territoriais. Estes são os processos que considerei de permanência. Também coloquei dentro desta ação identitária de permanência os momentos em que os olhares externos identificam, estereotipam, inferiorizam e classificam generalizadamente de “africanos”.

Os processos de ruptura se dão quando marcas internas – intragrupal – se tornam mais evidentes: suas diferenças de status (classe social), as diferentes formas de trançar os cabelos e as diferentes roupas. Ou seja, quando estas marcas ficam evidentes nos

corpos individuais. Ao mesmo tempo, temos as diferentes exibições de identidade nacional. Quando exibem e divulgam as riquezas nacionais e o orgulho patriótico, nas comemorações de independência nacional e nas celebrações em que comidas típicas são servidas.

Como já salientei neste trabalho, as identidades são construídas e relacionadas na interação social dos indivíduos, nos mais diversos lugares possível. Pude constatar a presença marcante das identidades nacionais, racial e também étnica embora sobre esta seja necessário um maior aprofundamento de minha parte talvez em uma futura pesquisa.

A identidade é isso um fenômeno social que está em toda parte, e se apresenta de diferentes maneiras de forma relacional, portanto, precisa ser analisada com as mais diversas possibilidades, pelo fato de não evidente, embora possível de ser identificada com um olhar mais apurado. Coube nesse trabalho o exercício de analisar tal fenômeno entre os estudantes da UNILAB oriundos dos países de língua oficial portuguesa.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa- Portugal: Edições 70, 2005.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. **Teorias da etnicidade**. 2ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, 187-227.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In*: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Perspectiva, São Paulo: 1966.
- FOOTE-WHITE, William. Treinando a observação participante. *In*: **Desvendando máscaras sociais**. GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, 77-86.
- GIDDENS, Anthony. Os contornos da alta modernidade. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, 17-38.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Classes, Raças e democracia**. São Paulo: Editora 34,2002.
- HALL, Stuart (2011a). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Ed. 11, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HALL, Stuart (2011b). Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011,103-133.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw K. Introdução. *In*: MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do pacífico ocidental: um empreendimento e da aventura dos nativos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. DURHAM, Eunice Ribeiro (org.). 2ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978.
- ORTIZ, Renato. Estado, cultura popular e identidade nacional. *In*: ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo, SP: editora brasiliense, 1985, 127-142.
- PAIVA, Eduardo França. Corpos pretos e mestiços no mundo moderno-deslocamento de gente, trânsito de imagens. *In*: PRIORE, Del Mary, AMANTINO, Marcia (orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011,69-106.
- POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne .O estado atual do debate sobre a etnicidade. *In*: **Teorias da etnicidade**. 2ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, 123-140.

SILVA, Tadeu da Silva da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. . Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011, p.7- 72